

**O USO DE JORNAIS COMO RECURSO DIDÁTICO NO ENSINO DE
HISTÓRIA SOBRE A BALAIADA**

Dayana Medeiros Luz
EEMTI Figueiredo Correia
dayana.medeiros@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Este trabalho faz parte da pesquisa que estou desenvolvendo em minha dissertação do Mestrado Profissional em Ensino de História - Profhistória, pela Universidade Regional do Cariri. Através dele pretendemos pensar sobre a utilização de jornais em sala de aula, como forma de aproximar o aluno das aulas de História na educação básica. Pretendemos analisar edições dos jornais Aurora Fluminense e Diário do Rio de Janeiro, que foram publicadas no Brasil durante o período regencial (1831-1840) e no caso deste artigo, que tratavam especificamente sobre a Balaiada.

As fontes que serão utilizadas podem ser encontradas digitalizadas no acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, sendo de fácil acesso, já que através de uma ferramenta de pesquisa do próprio site é permitido a busca por palavras que estejam nos jornais, filtrando por local, ano e título das publicações, o que facilita bastante o acesso ao acervo para essa pesquisa, assim como para o professor que deseje utilizar essas fontes em sala.

Temos como objetivo compreender de que modo os jornais podem contribuir para tornar o ensino de História mais atrativo para os estudantes, a partir da análise de como e o que ambos os jornais falavam sobre a revolta denominada Balaiada. E verificando como a metodologia do professor-pesquisador pode contribuir para tornar o ensino de História mais atrativo.

Esta pesquisa se justifica através da necessidade de ajudar os estudantes a compreenderem o ofício do historiador e seu trabalho com as fontes, assim como no intuito de tentar tornar o ensino mais atrativo e mais significativo. Além disso, se faz necessário explorar mais a história das revoltas do período regencial, e os jornais são uma

das fontes que podem ser utilizadas, o que acreditamos despertará o interesse nos estudantes em perceber como os periódicos da época veiculavam as notícias sobre o período.

Partindo dessa necessidade de conhecer mais sobre as rebeliões, percebemos que ainda há muito a se investigar sobre as revoltas através do discurso jornalístico da época. E esse trabalho com as fontes faz com que o aluno compreenda melhor o mundo em que vivemos e entenda alguns acontecimentos da atualidade, ou mesmo repense práticas do nosso dia a dia. Portanto as fontes ajudariam a formar no estudante uma postura mais crítica tanto em relação a construção da história quanto em relação a atualidade.

OS JORNAIS AURORA FLUMINENSE E DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO

Os periódicos a serem analisados foram publicados durante o período regencial, a escolha de ambos se deu pela popularidade que tiveram em sua época, por circularem na capital do império e por divergirem em alguns pontos, como a política da época. O período regencial,

foi considerado como “o mais interessante, dramático e instrutivo da História do Brasil” por João Manuel Pereira da Silva, um de seus primeiros historiadores. Entretanto, não é exagero afirmar tratar-se também de um dos momentos históricos menos conhecidos, talvez justamente pela complexidade e variedade de sinais que nos transmite. (MOREL, 2003, p. 07)

Segundo Sodré (1999, p. 120) “a fase da Regência foi, realmente, um dos grandes momentos da história da imprensa brasileira, quando desempenhou papel de extraordinário relevo e influiu profundamente nos acontecimentos”. Tendo em vista essa maior presença de periódicos no período regencial assim como um número significativo de rebeliões, isso nos leva a pensar que papel os periódicos tiveram em relação a essas rebeliões, teriam ajudado a divulgar as ideias contrárias ao governo da época? Ou teriam talvez auxiliado na divulgação das formas de repressão enfrentadas por essas rebeliões e seus líderes?

O jornal Aurora Fluminense (1827-1839) conforme Sodré (1999, p. 106),

começou circular, efetivamente, a 21 de dezembro de 1827, graças aos esforços de José Apolinário de Moraes Francisco Valdetaro e do francês mais um francês no alvorecer da imprensa brasileira José Francisco Sigaud. Evaristo da

Veiga juntou-se a eles, mais tarde, e passou a ser "redator principal e finalmente único".

E como complementa Barbosa (2010, p. 54),

O Aurora Fluminense é, inicialmente, impresso na tipografia do Diário do Rio de Janeiro. Com quatro páginas, sai às segundas e sextas-feiras, passando, a partir de junho de 1828, a ser editado também às quartas-feiras. Apregoando compromisso permanente com a liberdade e com a independência, referenda ininterruptamente uma espécie de missão ideológica do jornal com esses ideais.

Já o Diário do Rio de Janeiro (1821-1878), de acordo com Sodré (1999, p. 50-51),

Foi, realmente, o primeiro jornal informativo a circular no Brasil. Diário, ocupava-se quase tão somente das questões locais, procurando fornecer aos leitores o máximo de informação. Inseria informações particulares e anúncios: aquelas tratavam de furtos, assassinios, demandas, reclamações, divertimentos, espetáculos, observações meteorológicas, marés, correios; estes tratavam de escravos fugidos, leilões, compras, vendas, achados, aluguéis e, desde novembro de 1821, preços de gêneros. [...] Do ponto de vista da imprensa, como a entendemos hoje, foi precursor originalíssimo, e teve todas as características do jornal de informação. Do ponto de vista político, entretanto, em nada alterou o quadro.

Essa falta de posição política foi modificada no início da década de 1830, onde o jornal adere à política caramuru (SOUSA, 2015). De acordo com Sousa (2015, p. 140), “o antigo Diário do Rio, que de jornal de anúncios, de Diário da Manteiga, passara a servir à política caramuru, publicando grandes artigos do visconde de Cairu, sob o pseudônimo de ‘Jurista’, hostis a Evaristo”. Além de ser o jornal onde foi publicado alguns romances de José de Alencar, como Cinco Minutos, o Guarani e a Viuvinha, sendo um exemplo da “da conjugação da literatura com a imprensa” (SODRÉ, 1999, p. 191).

O USO DE JORNAIS COMO FONTES EM SALA DE AULA

A metodologia que utilizamos é uma busca e análise de artigos nos dois jornais que falem sobre a Balaiada. Além da análise de como os jornais veiculam essas informações, buscamos pensar estratégias de utilização dessas fontes em sala de aula, de forma a contribuir para o ensino de História do Brasil, procurando estimular a junção entre o ser professor e o ser pesquisador, assim como estimular a pesquisa nas aulas de História da educação básica.

Como base para analisar os artigos dos jornais temos alguns procedimentos indicados por Tânia Regina de Luca (2008, p. 142):

- Encontrar as fontes e constituir uma longa e representativa série.
- Localizar a(s) publicação(ções) na história da imprensa.
- Atentar para as características de ordem material (periodicidade, impressão; papel, uso/ausência de iconografia e de publicidade).
- Assenhorar-se da forma de organização interna do conteúdo.
- Caracterizar o material iconográfico presente, atentando para as opções estéticas e funções cumpridas por ele na publicação.
- Caracterizar o grupo responsável pela publicação.
- Identificar os principais colaboradores.
- Identificar o público a que se destinava.
- Identificar as fontes de receita.
- Analisar todo o material de acordo com a problemática escolhida.

Estes seriam alguns dos procedimentos que o professor pode adotar ao fazer sua análise sobre os jornais, procurando entender melhor a forma como estes eram produzidos e os interesses que estavam por trás de suas publicações, além de que essas informações irão enriquecer as discussões em sala de aula durante a apresentação das fontes.

Já as autoras Schmidt e Cainelli (2004), no livro *Ensinar história*, fazem uma descrição de como utilizar o documento em sala de aula, onde isso pode ser feito em três etapas segundo elas. A primeira delas é a etapa de identificação do documento que seria “um primeiro olhar crítico sobre o documento”. É importante nessa etapa que o professor ajude os alunos a identificar com qual tipo de fonte eles estão lidando, se é uma fonte primária ou secundária e qual sua tipologia, seja ela uma fonte material, escrita, oral ou visual.

O próximo passo seria tirar algumas dúvidas acerca de palavras que possam não ter sido bem compreendidas, seja pela ortografia diferente da época atual ou por um significado desconhecido. Depois é preciso esclarecer a natureza do documento, se o mesmo é oficial, um texto de um historiador, da imprensa, religioso, etc. “É importante destacar ao aluno que, conforme a natureza do documento, será obtido um tipo de informação e estabelecida uma forma de usá-lo” (SCHMIDT; CAINELLI, 2004), assim podemos olhar para o documento fazendo questionamentos como: “Quem fez o documento?”; “Qual a intenção do autor?”, entre outros.

A segunda fase do trabalho com o documento proposto pelas autoras seria a explicação do documento, “explicar o documento significa fazer o aluno confrontar seus

conhecimentos ou os dados que obtive em uma pesquisa com os elementos constitutivos do documento” (SCHMIDT; CAINELLI, 2004, p. 100). E isso passaria pelo processo de contextualizar o documento e fazer uma crítica a ele.

A última etapa do trabalho é o comentário do documento. Esta deve ser realizada em três partes: introdução, desenvolvimento e conclusão (SCHMIDT; CAINELLI, 2004). A introdução traz a análise dos dados obtidos na fase de identificação do documento. O desenvolvimento é o momento de explicitar a crítica ao documento voltando sempre que necessário a ele, ajudando os alunos a embasar seus argumentos de acordo com as evidências que foram encontradas no documento. Já a conclusão é o momento de os alunos refletirem sobre o que acharam do documento e o que ele contribuiu para responder as questões iniciais.

Como podemos perceber o processo de trabalho em sala de aula proposto pelas autoras é bastante completo, e, em vista disso, o professor pode utiliza-lo como base para pensar sua própria estratégia de como utilizar os jornais em sala, levando em consideração o número de alunos por turma e a disponibilidade de tempo e materiais extra para cada etapa da análise, ou seja adaptando para a sua realidade escolar.

Knauss (2001) faz também um debate a esse respeito onde ele aponta para a necessidade de se utilizar o documento como problema na sala de aula, buscando aproximar o ensino e a pesquisa no processo de ensino-aprendizagem. Conforme Knauss (2001, p. 29-30),

Trata-se, de fato, de confundir processo de aprendizagem com processo de construção do conhecimento. E processo de construção de conhecimento requer pesquisa – neste caso científica –, rompendo com as obviedades comuns instaurando níveis de aprofundamento racional da consciência. Disso resulta um sujeito do conhecimento que só pode ser investigador, ou pesquisador. Sinteticamente o processo de aprendizagem confunde-se com a iniciação a investigação, deslocando a problemática da integração ensino-pesquisa para todos os níveis de conhecimento, mesmo o mais elementar.

É então necessário que exista essa integração entre ensino e pesquisa independentemente do nível de conhecimento para tornar o aprender mais efetivo. Knauss (2001, p. 30) vai mais além: “a pesquisa é assim entendida como o caminho privilegiado para a construção de autênticos sujeitos do conhecimento que se propõe a construir sua leitura de mundo”. Dessa maneira, compreende-se mais ainda essa ideia de que o

professor deve tentar trazer a pesquisa para a sala de aula, na intenção de tornar essa aprendizagem mais significativa para os estudantes, e de colocar o aluno como centro nessa aprendizagem, de forma que ele participe ativamente na construção do conhecimento.

Sobre o uso de jornais em sala de aula, Selva Guimarães Fonseca (2003, p. 215) defende que “o professor de história, ao incorporar em sua prática pedagógica a releitura da imprensa periódica, articula saberes e possibilita a formação *da e para* a cidadania”, pois ao propor a análise desse tipo de fonte, contribui para a formação de um posicionamento crítico dos alunos. É comum se olhar para esse tipo de fonte como detentora da verdade, sem levar em consideração o interesse com o qual toda fonte é criada e que muitas vezes não é questionado, o motivo de sua criação e para quem foi criada.

Pretende-se sempre atribuir foros de verdade às informações, porém, com sua linguagem própria, a imprensa explica o real de forma limitada e fragmentada. A informação, como toda mercadoria, surge coisificada, caso em que nem o produtor (emissor) nem o receptor (consumidor) se reconhecem na mensagem veiculada. (FONSECA, 2003, p. 214)

É preciso quando se analisa esse tipo de fonte, que se tenha em mente que a informação passa por um filtro de interesse de quem a produz e para quem é produzida, e isso o professor pode trabalhar em sala ao analisar a fonte.

A utilização de documentos numa perspectiva metodológica dialógica propicia o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem que tem como pressupostos a pesquisa, o debate, a formação do espírito crítico e inventivo. Isso implica dizer que professores e alunos podem estabelecer uma outra relação com as fontes de saber histórico. (FONSECA, 2003, p. 217)

Em virtude desses aspectos percebe-se que a utilização da fonte como problema e não somente como ilustração, vem sendo proposta como uma opção de chamar a atenção do aluno para que este tenha mais interesse pela disciplina, passando a se sentir parte ativa no processo de ensino-aprendizagem. Assim como pode-se compreender que a releitura de fontes contribui para a formação do estudante, ao estimular a postura crítica e reflexiva.

Para a análise do conteúdo tem sido importante a reflexão sobre a autoria dos acontecimentos, dando-se destaque ao papel do jornalista como agente significativo na criação de fatos históricos. O jornal, como veículo de comunicação fundamental na sociedade moderna, exige igualmente tratamento bastante cuidadoso quanto à análise externa, devendo ser considerado como

objeto cultural, mas também como mercadoria, como um produto de uma empresa capitalista. (BITTENCOURT, 2008, p. 336)

É importante salientar essa questão do jornal como uma fonte em que o conteúdo pode ser muitas vezes manipulado, de forma a garantir o interesse do patrocinador. E se torna essencial fazer com que o estudante perceba a fonte dessa forma, como algo construído com algum interesse.

De acordo com Bittencourt (2008, p. 337) “o importante no uso de textos jornalísticos é considerar a notícia como um discurso que jamais é neutro ou imparcial”, então é preciso compreendê-lo como sendo um discurso sempre interessado, e ao analisarmos ou levarmos uma notícia para a sala de aula é importante fazer com que os estudantes entendam que nunca será um discurso neutro, para, dessa forma, tentarmos compreender até onde vai esse discurso e o interesse do jornal em proferi-lo.

É preciso ao iniciar a apresentação do documento o professor buscar desconstruir a ideia que, muitas vezes, é veiculada pela própria mídia, qual seja: a de que os jornais são imparciais nas notícias, quando, em última análise, ao contrário do que se veicula comumente, sempre há um interesse por trás da produção de um documento, que não é um material neutro, que não toma partido, e é importante que os alunos consigam compreender e perceber isso também.

Caso seja possível o professor levar para a sala de aula outros tipos de fontes diferentes que tratem do mesmo tema, se tornaria bem interessante para os estudantes perceberem os contrastes e semelhanças entre as fontes, assim como no trabalho do historiador. Segundo Ferreira (2011, p. 533) isso “pluraliza o contato entre outras áreas do conhecimento e ajuda a desmistificar a ideia de que há apenas uma explicação ‘verdadeira’ para tudo”.

É necessário deixar claro para os discentes “as condições sociais de produção da fonte, ou seja, tomar como questão não apenas o passado, mas o que, e como, a fonte se refere a este passado” (OLIVEIRA, 2017, p. 101). É importante também no caso do trabalho com jornais em sala de aula, alertar os estudantes para o uso dos diferentes espaços do jornal, como por exemplo, qual tipo de matéria geralmente compõe a capa, ou os espaços mais privilegiados do jornal, assim como o inverso, que tipo de matérias fica destinado a pequenas colunas, por exemplo.

É fundamental se levar em conta que a organização interna do conteúdo do periódico é reveladora, assim como o poder de distribuição interna da organização que o publica, e as prioridades editoriais assumidas (ou não) pelos gestores. Existem espaços mais nobres, mais prestigiados e de maior destaque no interior da publicação, ao lado de outros com características inversas. (OLIVEIRA, 2017, p. 102)

Importante também se possível que o professor leve para a sala de aula informações sobre a fonte de receita do jornal (OLIVEIRA, 2017), pois isso assim como seu público alvo nos diz muito das intenções que o jornal tem ao produzir as matérias, já que ele tentará não desagradar seus patrocinadores nem os seus leitores. Ajudando os discentes a perceber os discursos presentes nas matérias jornalísticas de uma forma mais crítica e mais ampla. Esse contato com o passado através das fontes, como jornais por exemplo, possibilita uma maior capacidade de interpretação, análise e crítica nos discentes, habilidades necessárias não só para um bom desempenho escolar, mas necessárias para a formação dos mesmos como sujeitos conscientes de suas ações.

ANALISANDO AS NOTÍCIAS SOBRE A BALAIADA NOS JORNAIS AURORA FLUMINENSE E DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO

A Balaiada foi uma das revoltas ocorridas durante o período regencial entre os anos de 1838 a 1841 na província do Maranhão, mas que também chegou a envolver o Piauí e parte do Ceará (ASSUNÇÃO, 2011). As principais reivindicações dos rebeldes eram a “garantia dos direitos constitucionais dos cidadãos, abolição das prefeituras, e expulsão dos portugueses” (ASSUNÇÃO, 2011, p. 306), apesar de ter sido uma rebelião que envolvia diferentes camadas da sociedade da época e ser um movimento descentralizado como aborda Assunção (2011). Embora os grupos rebeldes terem chefes independentes, com objetivos diferentes muitas vezes, essas três reivindicações centrais eram comuns a esses chefes.

Raimundo Gomes que era vaqueiro de um fazendeiro no Maranhão ficou conhecido como o “comandante em chefe das forças Bem-te-vis”, após ter invadido a prisão para libertar seu irmão que tinha sido preso pelo sub-prefeito da vila da Manga. Além dele outros nomes se tornaram bastante conhecidos na revolta como Cosme Bento e Manoel dos Anjos Ferreira, conhecido como Balaião.

Em ambos os jornais, Aurora Fluminense e Diário do Rio de Janeiro, podemos encontrar vários artigos que mencionam algum dos líderes ou algum acontecimento da Balaiada durante o período em que acontecia a revolta,

Nas folhas, que acabamos de receber do Maranhão encontramos a noticia de ter sido destróçado o faccioso Raimundo Gomes, na passagem do Rio Parnaíba, ficando prisioneiros 17 dos seos, e mortos dois. O faccioso deixou toda a sua bagagem, e quase todo o armamento, podendo apenas elle e alguns dos seos escapar em duas barcas, que tinham ali aprisionado com farinha. Nas forças leaes só houve um homem ferido. Partirão em seguimento dos fugitivos 40 praças de linha a explorarem os lugares por onde elles se tinham dispersado. (Diário do Rio de Janeiro, 1839, ed. 102, p. 4)

Como podemos observar no excerto acima o Diário do Rio de Janeiro noticiou uma das tentativas de prender Raimundo Gomes, e seus aliados, episódio onde vários destes foram aprisionados.

No mesmo ano o Aurora Fluminense também noticiou alguns casos de violência que ocorriam na província do Maranhão,

Diz a Chronica, que são incriveis os horrores perpetrados no Brejo, e na Tutoya. Entre muitos assassinatos, por esses canibais commetidos contra as pessoas de todo o sexo, e idade conta-se, como o mais horrível, o perpetrado contra D. Euzebia, mãe do capitão mór Valerio, senhora de mais de 80 anos, que tinha mais de 150 descendentes, a quem, antes que a assassinassem, cortaram uma orelha, e uma mão, que levaram de presente ao dito seo filho, o qual, por mostrar a dor, e indignação, que era natural, ao se lhe apresentarem os restos ensanguentados de sua mãe, foi tambem assassinado juntamente com sua mulher. Dois soldados, por eles presos, por pretenderem evadir-se, foram esposteçados: em fim, tudo é ali desordem e mortes, roubos e incendios. (Aurora Fluminense, 1839, ed. 160, p. 3)

Em contraste com a notícia do excerto acima, os rebeldes rejeitavam acusações de saques e enfatizavam que “procuraram respeitar a honra das mulheres e até os escravos de seus inimigos” (ASSUNÇÃO, 2011, p. 316), além de acusarem os seus opositores de não retribuírem da mesma forma, o que nos mostra discursos diferentes entre os rebeldes e as forças que tentavam suprimir a revolta.

Podemos perceber também a preocupação dos jornais em noticiar as decisões oficiais em aumentar as tropas que lutavam contra os rebeldes, como pode ser observado no trecho abaixo publicado no Aurora Fluminense,

Ilm. e Exm. Sr.- Cumprindo reduzir à ordem, antes que ganhem maior corpo, os bandos de facinorosos armados que tem apparecido ultimamente em alguns

pontos da provincia do Maranhão, espalhando o terror pelos lugares onde se tem apresentado, determina o regente, em nome do Imperador, que V. Ex. faça partir para aquella provincia, á disposição do respectivo presidente, o 8. Batalhão de caçadores de linha, com o seo commandante, o tenente coronel Francisco Sergio de Oliveira, uma vez que tenha V. Ex. ja para ali enviado algum destacamento, não fique com a presente medida essa provincia do Pará destituida de força para sua propria segurança; pois, em tal caso, mandará V. Ex. tamsómente o referido tenente coronel, a quem o regente nessa data tem nomeado para comandar as forças expedicionarias do Maranhão. (1839, ed. 153, p. 4)

Da mesma forma também é possível observar no Diário do Rio de Janeiro uma preocupação em acalmar a população sobre o que acontecia na província, e também buscar o apoio popular contra a rebelião.

A horda de salteadores, que hasteou o pendão do roubo assassinato no interior, prosegue desenfriada e ameaçadora na carreira dos crimes que encetou; e á despeito das energicas providencias que o governo não tem cessado de dar, a rebelião achou novo teatro para os seus horribes attentados: Caxias está em poder dos facciosos!! Não desanimeis porém com este acontecimento inesperado: grandes recursos ainda nos restão, novos auxilios forão pedidos aos nossos irmãos do norte e sul; todas as medidas estão tomadas para preservar a capital, para sufocar a anarchia nos pontos que ella infesta. Dignos habitantes do Maranhão, é pois chegado o momento de ostentar o patriotismo que vos anima, vinde unir-vos em torno do vosso presidente; e pressurosos acudi aos reclamos que vos dirigir para a defesa de vossas vidas, e propriedades. (Diário do Rio de Janeiro, 1839, ed. 176, p. 1)

Percebe-se na citação acima o chamado para a população participar da luta contra os rebeldes alegando que seria em defesa de suas vidas e propriedades, além de ser uma demonstração de patriotismo na visão deles, já que Caxias estava agora tomada pela rebelião.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os trechos que foram retirados das edições dos jornais podem facilmente ser levados para a sala de aula pelo professor, já que as edições de ambos os jornais se encontram disponibilizados no site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Como foi mencionado a forma como o professor trabalhará essas fontes em sala de aula pode ser adaptada de acordo com a realidade escolar de cada um. Além de que existem várias possibilidades de se utilizar o jornal como fonte, desde analisar o conteúdo, o modo como apresenta as notícias e os outros elementos que aparecem compondo o jornal, como fotografias e propagandas, entre outras possibilidades. Podendo assim o professor de História criar amplas discussões com os estudantes a esse respeito, utilizando

o jornal como uma fonte dentro da sala de aula, de maneira que sua utilização vá além de ilustrar simplesmente um conteúdo.

Por conseguinte, torna-se importante que os estudantes percebam através desse uso das fontes que a História é um processo e está sempre em construção, pois novas fontes sempre vão surgindo, modificando o que conhecemos sobre o passado e trazendo novos questionamentos sobre o mesmo.

Essa pesquisa como foi mencionado anteriormente ainda está em processo de desenvolvimento e, portanto, há outras referências a Balaiada nesses jornais, que podem ser utilizadas em sala de aula, assim como também existem outros jornais que fazem referência a revolta e que podem contribuir com o estudo e pesquisa sobre a mesma.

FONTES

Biblioteca Nacional Brasileira – Hemeroteca Digital. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>.

Aurora Fluminense

Diário do Rio de Janeiro

REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, M. R. "Sustentar a Constituição e a Santa Religião Católica, amar a Pátria e o Imperador". Liberalismo popular e o ideário da Balaiada no Maranhão. In: DANTAS, M. D. **Revoltas, motins, revoluções: homens livres pobres e libertos no Brasil do século XIX**. São Paulo: Alameda, 2011, p. 295-327.

BARBOSA, M. **História cultural da imprensa: Brasil - 1800-1900**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de História fundamentos e métodos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

FERREIRA, R. F. D. S. Ensino de História com o uso de jornais: construindo olhares investigativos. **Travessias**, Cascavel, v. 5, n. 1, p. 531-560, 2011.

FONSECA, S. G. **Didática e Prática de Ensino de História: Experiências, Reflexões e Aprendizados**. Campinas: Papyrus, 2009.

KNAUSS, P. Sobre a norma e o óbvio: a sala de aula como lugar de pesquisa. In: NIKITIUK, S. M. L. **Repensando o ensino de história**. 4. ed. São Paulo: Cortez, v. 52, 2001. p. 26-46.

LUCA, T. R. D. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (.). **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 111-153.

MOREL, M. **O período das Regências (1831-1840)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

MOREL, M. Os primeiros passos da palavra impressa. In: MARTINS, A. L.; LUCA, T. R. D. **História da imprensa no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 23-43.

OLIVEIRA, D. D. Uso de periódicos para o ensino de História na educação básica - projeto 1917: mídia, guerra, greve e revolução. **Revista Intersaberes**, Curitiba, v. 12, n. 25, p. 98-105, set./dez. 2017. ISSN 1809-7286. Disponível em: <<https://www.uninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/view/1217/666>>. Acesso em: 04 jun. 2018.

SCHMIDT, M. A.; CAINELLI, M. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2004.

SODRÉ, N. W. **História da imprensa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUSA, O. T. D. **História dos fundadores do Império do Brasil**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, v. IV, 2015.